

## IMIGRAÇÃO, TRABALHO E IMPRENSA EM MANAUS, 1890-1928\*

LUÍS BALKAR SÁ PEIXOTO PINHEIRO\*\*

1

## Resumo:

Com o olhar voltado para a imprensa de trabalhadores que emergiu em Manaus no final do século XIX e primeiras décadas do século XX, busca-se discutir o trânsito de pessoas, ideias e experiências no âmbito do processo de formação e expansão da classe operária amazonense, chamando a atenção para o fato de que a história operária no Amazonas, assim como aquelas que se desenvolveram fora do eixo Rio de Janeiro/São Paulo, não pode ser assumida como uma espécie de versão reduzida em escala da história operária convencionalmente assumida como nacional. Acompanhando o processo formativo da classe operária amazonense, explora indicadores de sua diversidade étnica, visibilizando mais de perto a presença de portugueses e de nordestinos em sua composição. Por fim, chama a atenção para a importância da imprensa tanto como elemento aglutinador a consolidar identidades, quanto capaz de permitir a percepção de aportes multidirecional a presidir as múltiplas experiências operárias no Amazonas, em boa medida informadas pelo processo migratório de trabalhadores nacionais e estrangeiros.

Palavras-chave: Imigração, História do Trabalho, História da Imprensa.

Há pouco mais de uma década, demonstrando a expansão do campo historiográfico relacionado às temáticas do trabalho e do trabalhador e, em especial da História Operária no país, Cláudio Batalha (1998, p. 156), registrou como um resultado promissor “o aprofundamento dos estudos regionais, fugindo dos paradigmas de São Paulo e Rio”, tal como havia salientado Sílvia Petersen (1995). Cabe lembrar que o eixo Rio/São Paulo foi tido por muito tempo como o *locus* por excelência da ação operária no Brasil, de onde se havia espreado para os quatro cantos do país, em impulsos irradiadores da experiência associativa e da luta operária, associadas aos deslocamentos internos de trabalhadores e de suas lideranças.

\* O texto que conforma este artigo vincula-se ao Projeto “*Tradições, Aspirações e Conspirações na Imprensa Operária Amazonense (1889-1930)*”, apoiado pelo CNPq. Pequena parte dele foi originalmente publicada como introdução ao dossiê “Imprensa e Mundos do Trabalho no Amazonas”, em: *Fronteiras do Tempo: Revista de Estudos Amazônicos*, nº 3, jan./dez. 2012, p. 5-9.

\*\* Doutor em História pela PUC-SP (1998); Professor Associado da Universidade Federal do Amazonas e Bolsista Produtividade do Conselho do Desenvolvimento Científico Nacional (CNPq).

Uma vez que no processo de construção e consolidação da historiografia da classe operária a grande maioria dos historiadores dedicou-se “exclusivamente à recuperação da memória do movimento operário do centro do país”, jogando sombras e silêncios sobre as experiências operárias de outras áreas do Brasil, impunha-se àqueles que se situavam fora do eixo dominante, o imperativo de reverter esse quadro danoso, saindo em busca dessa “memória extraviada da classe operária”, para usar a feliz expressão utilizada por Silvia Petersen (1992: p. 13 e 15).

Contudo, não se trata apenas de proceder, por mera agregação, em direção a novos estudos acerca de outros espaços do país. Parece-nos mais interessante e premente a recuperação do trânsito de ideias, pessoas e experiências no âmbito do processo de formação e expansão da classe operária. Embora seja sabido que esse processo foi efetivo, não se deve reduzi-lo, todavia, à imigração europeia de fins do século XIX e início do XX como parecia defender Sheldon Maran (1979). Tão pouco se deve pensar que nas regiões periféricas do Brasil os influxos advindos da Europa fossem aqueles mediados primeiramente pelo eixo Rio/São Paulo, o que seria desconsiderar os contatos efetivos e muitas vezes intensos de tais áreas com o ambiente social, cultural, econômico e político europeu.

Não se trata de desprezar os aportes estrangeiros, pois eles de fato foram significativos, tanto assim que dentre as principais lideranças operárias no cenário operário amazonense da República Velha, destacaram-se o socialista espanhol José Azpilicueta, o anarquista português Tercio Miranda e o reformista italiano Targino Mariani, este últimos liderando por quase trinta anos o movimento dos estivadores amazonenses.

Mesmo antes do período áureo da expansão da economia gumífera na Amazônia, as ideias revolucionárias de Karl Marx eram “expostas na imprensa paraense em 1871, nas colunas do *Jornal do Pará*”, conforme anotou Vicente Sales, que também registrou que em Belém a efígie litografada de Marx – obra do artista gráfico Carlos Wiegandt – apareceu “em todos os números do jornal *O Trabalho*, órgão do Partido de Artistas e Operários do Pará, lançado em 1º de fevereiro de 1901 e que circulou até 1904”. (SALES, 2001, p. 45 e 79)

Já argumentamos também, como as celebrações do Primeiro de Maio permitiram igualmente a percepção das interações e trânsitos dos trabalhadores, de suas ideias e demandas numa escala supralocal e mesmo supranacional. Assim é que, comemorado pela primeira vez na Europa em 1890, no ano seguinte o Primeiro de Maio já era comentado e

defendido pelos trabalhadores Amazonenses, demonstrando cabalmente a existência dessas interações e diálogos numa escala planetária.<sup>1</sup>

Outro exemplo desse transito de ideias pôde ser percebido quando da fundação da *União Operária Nacional no Amazonas*, em 16 de junho de 1918, momento em que novamente o exemplo da luta internacional dos trabalhadores foi recuperado em Manaus para ilustrar a força operária e sinalizar caminhos para a luta do trabalhador amazonense. Naquela ocasião solene, Benjamim de Araújo Lima, o orador oficial da entidade, buscou discutir qual “O melhor caminho a ser trilhado na confusão das estradas abertas à ação reivindicadora que os homens do trabalho humilde e glorioso opõem aos abusos do capital”. O orador sugere que se imite

o exemplo da Sociedade Operária de Montevideo, cuja atilada atitude, chega a impossibilitar, na vigência das greves, os chamados “amarelos”, companheiros que acoitados pela penúria, tragados de fome, quebram a solidariedade e voltam, por amor ao lar, a desempenhar a dolorosa missão de vítimas.<sup>2</sup>

Com efeito, a conjunção do espraiamento da cultura letrada com a força difusora da imprensa favorecia esse trânsito de informações e ideias e foi um fenômeno assinalado pela historiografia, mesmo em meio a uma região marcada pela oralidade, como no caso do Norte do país. Como salientou Bradford Burns:

Manaus, para seu tamanho, possuía uma audiência literária fora do comum. A cidade mantinha dois bons jornais diários, o JORNAL DO COMÉRCIO e o DIÁRIO DO AMAZONAS, bem como pelo menos mais uma dúzia de periódicos diferentes. As duas maiores livrarias ofereciam as últimas publicações brasileiras e jornais, revistas e livros estrangeiros... O grande interesse por jornais e livros tanto estrangeiros quanto nacionais pode ser explicado parcialmente pela elevada percentagem de empresários estrangeiros na comunidade, mas a melhor explicação reside no fato de que Manaus possuía um sistema educacional excepcionalmente bem desenvolvido. Realmente, a maior soma sob uma única rubrica do orçamento

---

<sup>1</sup> Sua difusão em Manaus foi patrocinada pelos redatores dos primeiros jornais operários editado no Amazonas. Para eles, assim como o recém-nascido chora para ser lembrado e atendido pelos pais, a classe operária deveria lançar mão do 1º de Maio para externar suas insatisfações, opiniões e desejos. *Gutenberg*, nº 19. Manaus, 1º de maio de 1892.

<sup>2</sup> Ata da Sessão Magna de instalação e posse da primeira diretoria efetiva da Sociedade União Operária Nacional no Amazonas. Manaus, 16 de junho de 1918. Centro de Memória da Justiça do Trabalho da 11ª Região do Amazonas.

estadual de 1910 destinava-se à educação. E a maior parte dessa verba permanecia em Manaus (BURNS, 1966, p. 17-18).

Não é de estranhar, portanto, que o pioneirismo na veiculação de uma imprensa de trabalhadores no Amazonas tenha recaído sobre caixeiros e gráficos<sup>3</sup>, exatamente duas das categorias que, no interior da classe operária, singularizavam-se por níveis mais elevados de alfabetização e letramento, já que o domínio da leitura e da escrita era estabelecido como uma exigência do ofício. Não foi apenas o contato dos trabalhadores – como os gráficos – com o universo do impresso e da Imprensa que favoreceu o processo associativo dos trabalhadores, mas também a própria circulação desses trabalhadores pelas diversas regiões e prensas do país.

Essas interações e trânsitos nunca foram unidirecionais, como se poderia supor, partindo de um centro irradiador europeu em direção à múltiplas periferias, depois de mediadas pelo aporte de experiências nos centros mais dinâmicos do país, como São Paulo ou Rio de Janeiro. Será certamente possível encontrar influxos desse tipo, como a atuação do gráfico português Tércio Miranda, que, tendo participado do Congresso da COB em 1913, retornou a Manaus com a clara incumbência de fomentar a mobilização de trabalhadores locais e de ali fundar um jornal de orientação anarquista, ação que eu origem ao importante *A Lucta Social*, publicado na cidade em 1914. (PINHEIRO e PINHEIRO, 2004, p.73-112). Mas não deixa de ser interessante e intrigante ver como esses influxos caminham no sentido inverso e, desta forma, especular o quanto o processo formativo do operariado europeu foi também ele, informado e impactado pelas experiências operárias do mundo extra europeu. Embora seja apenas um exemplo entre mil, não devemos esquecer que é de Manaus, uma pequena cidade incrustada na selva amazônica, que Tércio Miranda tentará intervir na atuação proletária portuguesa por meio de sistemáticas matérias onde denuncia o caráter burguês do conflito e prega, sem rodeios, a deserção dos soldados.

Com efeito, Tércio Miranda é uma liderança admirável, que percebe bem seu papel de mediador entre mundos distantes, mas mantém a convicção e o desejo do internacionalismo da causa operária. Assim, se de um lado, seus artigos reverberam em Manaus os ideias de que “pegar em armas para a defesa dos burgueses não enobrece a ação, mas levantar um movimento de protesto, e lutar com o sacrifício da própria vida, engrandece a causa da nossa doutrina”; de outro lado, nos faz perceber que muitas de suas falas direcionam-se para o outro lado do atlântico, favorecidas, em especial, pelo “Cabo Submarino, esse aperfeiçoamento

---

<sup>3</sup> Os caixeiros fizeram publicar “*O Restaurador*” em 1890, o que nos parece ser, até o momento, o primeiro jornal operário produzido no Amazonas. Já os gráficos, publicaram o *Gutenberg*, em 1891 e o *Operário*, em 1892, além do *A Lucta Social*, em 1914.

humano, que através do oceano, nos põe em contato com as grandes distâncias”<sup>4</sup>. Em “Carta Aberta a meu Irmão”, ele constata com horror o avanço de uma violenta e arbitrária mobilização militar em Portugal, e contra ela prega a resistência:

Obrigado pelas “forças legais”, não vais. Não és militar. E eu nunca me arrependerei de ter conseguido tal. Porém, à força arbitrária, pode obrigar-te. Não vás, meu irmão. Não procures matar, fazer mal àqueles que não sendo teus irmãos como eu, pertencem todavia à fraternal família humana: e tu tens uma esposa que ficará em pranto e um filhinho que deixarias abandonado. Aceita antes o suicídio, porque eu prefiro tirar uma vingança, a chorar eternamente a tua vida de bandoleiro do Estado. Morre por um ideal, mas não por uma ambição criminosa.

Prefere a perseguição dum mártir, aos louros dum herói: este é um assassino ou um ladrão, aquele é simplesmente um justo.

Até breve.

Manaus, 18 de outubro de 1914.

Tércio.<sup>5</sup>

Os deslocamentos de populações, por vezes massivos, possibilitaram e amplificaram tais diálogos, além de, obviamente terem contribuído para a dinamização e consolidação de economias de exportação de matérias-primas e produtos agrícolas por todo o Brasil e pela América Latina em fins do século XIX e início do XX. Contudo, é preciso pensar que tais deslocamentos não se restringem ao campo da História econômica, corporificando tão somente a mobilização de força de trabalho como imperativo da expansão do capital e de seus interesses. Sobre eles se lança com igual fervor o historiador social e da cultura, cujas preocupações alcançam também a dinâmica e o conflito social, e as experiências populares, impregnadas de cultura, experiências e valores, quase sempre desconsiderados pela historiografia tradicional.<sup>6</sup>

Desta forma, a imigração europeia de fins do século XIX e início do século XX, bem como os deslocamentos internos que ocorreram no mesmo período, servem para pensar as múltiplas articulações e interações dos trabalhadores (trabalhadores europeus no Brasil;

<sup>4</sup> Matéria “A Guerra e os Socialistas”. *A Lucta Social*, nº 6. Manaus, 1º nov. 1914.

<sup>5</sup> *A Lucta Social*, nº 6. Manaus, 1º nov. 1914.

<sup>6</sup> A abordagem thompsoniana evidencia a riqueza dessa guinada. Assim, ao recusar compreender “classe” como uma característica estática, Thompson propunha compreendê-la como “categoria histórica, descritiva de pessoas numa relação no decurso do tempo e das maneiras pelas quais se tornam conscientes de suas relações, como se separam, unem, entram em conflito, formam instituições e transmitem valores de modo classista. Nesse sentido, classe é uma formação tão ‘econômica’ quanto ‘cultural’”. (THOMPSON, 2001, p. 260).

trabalhadores nordestinos em São Paulo ou em Belém e Manaus) em perspectivas inovadoras ou pouco usual. É sabido que tais interações foram complexas e, por vezes, conflituosas, mas elas também permitiram, para além do estranhamento e do conflito, a colaboração e a inovação pela troca de experiências e pelas experiências partilhadas, fatores que tanto contribuíram para o fortalecimento dos processos de conscientização, identidade e de luta operária.

No caso específico da Amazônia, a expansão da economia extrativa da borracha entre 1880 e 1910 contribuiu para a afluência de um volume considerável de trabalhadores para a região, cujo impacto tem sido sempre aferido pela lógica do seringal e de seus imperativos de produção. Quanto aos impactos desse afluxo de população no universo do trabalho urbano e no processo de organização e luta operária, ainda paira um desconcertante silêncio.

O que torna mais significativo o diálogo do anarquista Tércio Miranda com seu irmão em Portugal, é o fato de que ele simboliza exemplarmente as teias e conexões que vão se tecendo entre comunidades separadas pelos deslocamentos migratórios, mas que possuem a capacidade de se reconfiguram além-mar, mantendo vínculos identitários pelo contato frequente com as comunidades de origem. Esse contato podia ser feito por intermédio da troca de correspondência (cartas e postais), mas ele foi particularmente favorecido pela difusão e popularização da Imprensa.

Com efeito, a expansão da economia extrativa da borracha atraiu um número significativo de pessoas, oriundas de diversas áreas do globo, amplificando a população citadina local em dimensões consideráveis. Com uma população inferior a 5.000 habitantes por volta de 1850, momento em que passou a assumir o papel de capital da recém-criada Província do Amazonas, Manaus viu sua população ampliar-se continuamente até o início da década de 1920. Compulsando dados populacionais, Maria Luiza Ugarte Pinheiro registrou que em 1872 havia 29.334 habitantes na cidade, enquanto “em 1890, esta cifra subiu para 38.720 e dez anos depois (1900) já alcançava a marca de 52.040. Por fim, o censo de 1920 registrava uma população de 75.704 habitantes”. (PINHEIRO, 2003, p. 58)

A ampliação sistemática desses números em tão pouco espaço de tempo deixa claro que a expansão populacional resultou basicamente de aportes externos, de uma imigração tanto estrangeira, quanto nacional, que modificou significativamente a face da cidade, tornando-a menos provinciana e mais cosmopolita. Em pleno momento de expansão da economia gomífera (1907), Hermenegildo Lopes de Campos, um importante médico-sanitarista amazonense, calculou em cerca de 60.000 habitantes a população da cidade, sendo pelo menos 10.000 deles constituídos de estrangeiros, com destaque para os portugueses

(cerca de 5.000)<sup>7</sup>, espanhóis (1.400 a 1.500) e italianos (1.000 a 1.200). (CAMPOS, 1988, p. 101).

Apenas uma pequena parte deste contingente de estrangeiro via-se claramente direcionada para postos de direção e projeção social, como foi o caso dos cerca de 70 a 75 ingleses que aparecem no cômputo de Hermenegildo de Campos. Constituem basicamente uma pequena elite dirigente das firmas inglesas que se multiplicaram na cidade e praticamente açambarcaram as principais empresas de serviços públicos, como as de navegação a vapor, linhas de bondes, luz, água, esgoto e até telefonia, além do abastecimento de víveres, pelo controle do Mercado Público municipal.<sup>8</sup>

Nesse cômputo podem ser incluídos também alguns técnicos norte-americanos e alemães, altamente especializados, além de um punhado de artistas franceses, joalheiros, pintores, escultores e arquitetos italianos, de renomada reputação, como Roberti & Pelosi, Domenico de Angelis e Filinto Santoro, a quem os governos locais recorreram – quando os cofres públicos assim lhes permitiram – visando atualizar a cidade no espírito da *belle époque*. (CAPPELLI e HECKER, 2010, p. 108-121).

Contra uma exaltação apologética desse processo modernizador produzida pela historiografia regional, que se empenha em reforçar imagens idílicas de Manaus, como a “Paris das Selvas”, faz-se necessário o reconhecimento de que esses novos personagens terminaram por produzir e aprofundar contradições e clivagens sociais nunca antes percebidas em tal magnitude. Diante delas a sensibilidade do crítico se manifesta para nos fazer perceber o outro lado da moeda. Assim foi com Euclídes da Cunha, para quem Manaus nada mais era que uma “grande cidade estritamente comercial de aviadores solertes, zangões vertiginosos e ingleses de sapatos brancos”. Euclídes avança em suas avaliações negativas, descortinando os móveis desse processo:

---

<sup>7</sup> Esta relevância numérica não se restringe a Manaus, já que os portugueses formaram em toda a Amazônia uma comunidade numerosa, das maiores que se estruturaram do país (Cf. SARGES, 2010, p. 15-104).

<sup>8</sup> Em obra recente, David Pennington questionava: “Se a presença europeia em Manaus é tão aparente, como clarificar a presença da Inglaterra?”. Na busca por uma resposta adequada, o autor recolhe representações ambíguas, apontando, de um lado, para a qualidade dos produtos, para a modernidade e para alguns traços comportamentais, como pontualidade e honra (p. 91-92); enquanto, de outro lado, percebe-se “um crescente sentimento de antipatia e xenofobia, que é finalmente ‘saciado’ na Constituinte de 1946, quando a maioria dos serviços de infraestrutura pública, de concessão inglesa, são nacionalizados”. (PENNINGTON, 2009, 98).

O crescimento abrupto levantou-se de chofre fazendo que trouxesse, aqui, ali, salteadamente entre as roupagens civilizatórias, os restos das tangas estriadas dos tapuias. Cidade meio caipira, meio europeia, onde o tejupar se achata ao lado de palácios e o cosmopolitismo exagerado põe de lado o ianque espigado... o seringueiro achamboado. A impressão que ela nos incute é de uma maloca transformada em Gand. (CUNHA, 1986, p. 212).

Duas décadas depois, o quadro parece mesmo ter se agravado, com a crise da borracha fazendo chagas na fisionomia da cidade e de seus moradores. Tal é a imagem que faz da cidade Mário de Andrade, quando a encontrou em 1927:

Pois é, Manaus já foi uma virgem linda. Hoje é uma mulher fecunda que ainda traz na sua atualidade a presença do passado. Nos tempos áureos da borracha viveu se enfeitando: vosso teatro, vosso monumento à abertura dos portos amazônicos, vosso Palácio Rio Negro, ainda são as joias desse tempo leviano. Depois... jucurutu agourenta regougou nos vossos telhados. A borracha brasileira decaiu. Mas pelo que vejo e me contaram, administrações mais previdentes surgiram afinal e Manaus já vai passando de virgem de luxo a mulher fecunda. (Apud BRAGA, 1975, p. 173).

O desencanto dos ilustres visitantes só não foi maior, por encontrarem na cidade as pessoas comuns do povo e por se identificarem com elas em suas fadigas e suas dores. Em tempo, Euclides dirá: “de sorte que a gente é boa!”. E essa massa humana, de vida instável e precária, não se constitui apenas do índio ancestral transformado (“domesticado”) em tapuia numa cidade que continua a lhe parecer estranha e inclemente. Ela é também engrossada também pelo imigrante estrangeiro, que é, em sua grande maioria, um deserddado das riquezas de próprias suas terras e, por isso, lançados numa jornada aventureira, presidida tanto pelo desespero, quanto pelo desejo de “fazer a América”.

Foi no universo do trabalho e nas ocupações urbanas que esse segmento estrangeiro se envolveu prioritariamente, embora os registros que atestem tais vínculos ainda sejam poucos e nem sempre abrangentes. Um dado promissor pode ser encontrado na relação de associados da *Sociedade União Operária Amazonense* (S.U.O.A), em 1926, que nos permitiu tabular alguns de seus dados.<sup>9</sup>

TABELA 1  
Nacionalidade dos Associados da S.U.O.A. (1926)

<sup>9</sup> Tal sociedade foi fundada em Manaus em 1918, com o nome de *União Operária Nacional*, mudando sua designação em 19 de julho de 1923. O livro de registros com os nomes e dados pessoais dos associados foi aberto em 28 de abril de 1926, contendo 50 páginas com aproximadamente 1100 registros. Alguns registros apresentam inconsistência, rasuras, duplicidade e ilegibilidade, razão pela qual, nas tabulações a seguir, os números tomados por base (sempre informados) oscilam. Acervo: Centro de Memória da Justiça do Trabalho da 11ª Região do Amazonas – CEMEJ.



<b>Nacionalidade</b>	<b>#</b>
Brasileiros	895
Estrangeiros	115
Portugueses	80
Peruanos	9
Italianos	8
Espanhóis	7
Ingleses	4
Alemães	3
Austríacos	1
Franceses	1
Russos	1
Sírio-Libaneses	1
<b>TOTAL</b>	<b>1.010</b>

Fonte: Livro de Registros da Associação União Operária Amazonense. Acervo CEMEJ.

A Tabela 1, por onde se informa a nacionalidade dos associados, reflete uma realidade algo diferente dos dados levantados por Hermenegildo de Campos, já que constituída por registros relativos ao período de crise generalizada da economia de exportação da borracha, quando então o capital estrangeiro já havia se evadido da região, seguido por muitos dos imigrantes estrangeiros que haviam sido mobilizados por ele algumas décadas antes.

Já a Tabela 2 apresenta uma lista das principais profissões assumidas pelos associados da S.U.O.A., em 1926, embora parte significativa dos registros indique como profissão o termo “operário”, bastante vago e impreciso.

TABELA 2  
Profissões dos Associados da S.U.O.A. (1926)

<b>Profissões</b>	<b>#</b>	<b>Profissões</b>	<b>#</b>
Operário	234	Pedreiro	23
Caldereiro	131	Tipógrafo	23
Serralheiro	70	Foguista	22
Sapateiro	53	Fundidor	22
Carpinteiro	49	Alfaiate	21
Torneiro	34	Auxiliar de Com..	16
Eletricista	24	Pintor	16
Ferreiro	24	Artista	13
Marceneiro	24	Talhador	10
Maquinista	24	Outras Profissões	130
<b>TOTAL</b>			<b>963</b>

Fonte: Livro de Registros da Associação União Operária Amazonense. Acervo CEMEJ.

A utilização de dados estatísticos requer cautela e cuidado na análise, uma vez que nem sempre responde com a clareza desejada e pode tanto esconder, quanto revelar situações específicas, razão pela qual seu uso deve ser pensado como meramente indicativo. Assim, chama a atenção o fato de que importantes categorias profissionais, onde tradicionalmente despontavam trabalhadores espanhóis e portugueses – como estivadores e caixeiros –, apareçam sub-representadas nos assentamentos da *Sociedade União Operária Amazonense*, já que nela constam apenas 3 registros de estivadores e nenhum de caixeiro, embora o termo “auxiliar de comércio”, com 16 registros, possa contemplar alguns deles.<sup>10</sup>

Parece-nos temerário propor uma abordagem conclusiva, mas é possível especular que essa assimetria seja decorrente de divergências programáticas e ideológica entre a *Sociedade* e outras organizações operárias, mais antigas e, possivelmente, mais claramente reformistas. Este era o caso, tanto do *Sindicato dos Estivadores*, quanto da *Associação dos Empregados do Comércio*, que sempre externaram perspectivas colaboracionistas em discursos interclassistas, muitas vezes sendo comandadas por representantes do segmento patronal.

Com efeito, o reformismo marcou profundamente o perfil programático da classe operária amazonense em formação, reverberando seus princípios até mesmo no interior da imprensa operária, tal como fez o jornal *Confederação do Trabalho*. Organizado e dirigido por Paulino Toscano de Brito, um empresário, político e intelectual amazonense, o jornal apresentando-se como “órgão das classes laboriosas”, voltado para a propaganda e a defesa do proletariado, mas assumia claramente um discurso de moderação: “A força do proletariado já é hoje bem conhecida em todo o mundo, principalmente, quando este operariado procura reivindicar os seus direitos por meios inteligentes e pacíficos”.<sup>11</sup>

De qualquer forma, a presença de estrangeiros entre aqueles trabalhadores sindicalizados é percentualmente relevante, com frequência acima de 11%. Os dados apontam também uma inequívoca prevalência de portugueses no universo do trabalho urbano manauara, espelhando ali a já mencionada importância numérica alcançada por aquele segmento étnico no interior da sociedade amazonense.

Como sustenta Maria Luiza Ugarte Pinheiro, uma dimensão bastante enfatizada da vivência dos trabalhadores portugueses no Amazonas e da comunidade portuguesa como um todo, foi a busca incessantemente de interação com as comunidades locais. Inversamente, em

---

<sup>10</sup> Em 1911, a Manáos Market Limited, concessionária dos serviços portuários, chegou a ter 420 estivadores fixos, dos quais apenas 36 eram portugueses, mas este número logo se ampliou com a contratação de mais 40 portugueses. Tais medidas acabaram por provocar ressentimentos e revoltas entre os trabalhadores locais. (PINHEIRO, 2003, p. 87).

<sup>11</sup> *Confederação do Trabalho*, nº 1. Manaus, 14 nov. 1909.

nenhum outro caso também, uma comunidade estrangeira estabelecida em Manaus parece ter se esmerado mais para manter-se conectada com suas comunidades de origem, como a portuguesa, sendo a rica produção de sua imprensa na Amazônia uma prova cabal desse processo.<sup>12</sup>

Em tese recente, Geraldo Pinheiro, explorou “o complexo processo de construção de uma *portugalidade* na Amazônia, através da análise dos jornais criados por grupos de imigrantes portugueses letrados residentes nas cidades de Belém do Pará e Manaus”, entre 1885 e 1937, mapeando nada menos que cinquenta jornais produzidos pelas colônias portuguesas na Amazônia, vinte deles na cidade de Manaus e outros trinta em Belém (PINHEIRO, 2011, p. 8 e 99-100).

Interação com a comunidade local e reforço das raízes identitárias não parecem ser elementos contraditórios, mas complementares e estruturantes de um processo de reconfiguração identitária assumida por eles nos trópicos. Os portugueses não descuidaram, portanto, de recriar imaginariamente suas comunidades de origem, alimentando-as continuamente com as notícias que iam e vinham por postais, cartas, recados e, principalmente, pela imprensa. Tal como apontado por Benedict Andersen (2008: 101-103), a imprensa foi largamente oportunizada pelas comunidades de imigrantes no mundo todo, favorecendo a consolidação de um sentimento nacional latente entre eles.

Boa parte dessa imprensa produzida pelas colônias de imigrantes não se configurou como o jornal empresa, que caracterizou a grande imprensa diária a partir dos primeiros anos do século XX no Brasil. Apresentavam-se, antes, como empreendimentos algo amador, animados por pequenos grupos com poucos recursos. Outra marca importante é que esses jornais vinham à tona frequentemente com a marca local e com uma fala dirigida a um público específico, demarcador desse viés identitário, como parecem evidenciar alguns de seus mais importantes títulos publicados em Manaus: *O Lusitano*, *A Voz de Loriga*, *O Loriguense*, *O Poveiro*, *Alma Portuguesa*, etc.

---

<sup>12</sup> Outras comunidades estrangeiras também fizeram imprimir seus jornais em Manaus, em língua materna. A comunidade peruana foi responsável pela edição do *La Union* (1903-?); a espanhola publicou tanto o *El Español* (1903), quanto o *El Hispano Amazonense* (1918-1921?). Já a comunidade italiana editou o *La Stella D'Italia* (1901) e a comunidade sírio-libanesa o *Al Seham* (1913). (FREIRE, 1990).

Muitos portugueses partilharam dos círculos letrados de Manaus e foi comum que atuassem na grande imprensa diária, de interesses bem mais difusos que os jornais das comunidades. Mas mesmo ali, parecem ter conseguido imprimir suas marcas. Tanto é assim que, em Manaus, o *Jornal do Comércio*, fundado em 1904 e um dos mais importantes e inovadores periódicos da cidade, manteve contínuo vínculo com a comunidade portuguesa, dando a atenção ao que se passava localmente entre seus membros, ou fazendo a ponte entre esta comunidade e o que se passava em Portugal. Neste particular, o *Jornal do Comércio* fez publicar por anos à fio, a coluna “Cartas de Portugal”, assinadas por seu correspondente em Lisboa, João Grave. O jornal também mostrou-se sensível às demandas operárias, particularmente quando estas se vinculavam à categorias profissionais com maior incidência de trabalhadores portugueses, como catraieiros, caixeiros e estivadores

Com efeito, se o imigrante estrangeiro se espalhou no interior da sociedade amazonense da virada do século XIX para o XX, foi mais diretamente ao universo do trabalho e, em particular ao comércio e às atividades marítimas e portuárias, que eles se lançaram. Parcela bem menor, notadamente aqueles com algum nível de escolarização e, portanto, alfabetizados, foram requisitados para o trabalho no comércio, engrossando o rol de caixeiros e guarda livros, fundamentais em uma cidade cujo perfil de entreposto comercial sobressaía.

Como mencionado anteriormente, foi exatamente deste segmento de trabalhadores (os caixeiros) que saiu o primeiro jornal operário amazonense, *O Restaurador*, apresentando-se ao público como “órgão da classe caixeiral”. Embora apareça como hebdomadário, dele só se tem conhecimento do primeiro número, que veio à luz em junho de 1890, assinado pelos redatores J. H. de Souza e A. J. Ferreira da Silva. A opção pelo reformismo, que tanto marcará a atuação dos caixeiros no cenário político brasileiro (POPINIGIS, 2007, p. 60) já está presente em suas páginas do jornal amazonense, seja em seu título, indicativo de um apoio à Monarquia, regime recém-abolido; seja na apresentação de seu programa, que insiste num discurso interclassista, embora de defesa do trabalhador:

Completamente alheios às lides políticas, só zelaremos os interesses da classe que representamos; registraremos todos os atos, bons ou maus, louváveis ou detestáveis, dos patrões para com os empregados... Não nos afastaremos das aras da justiça, e os próprios patrões acharão apoio em nossas colunas, quando suas reclamações sejam acertadas e não deslustrem o princípio que advogamos.<sup>13</sup>

---

<sup>13</sup> *O Restaurador*, nº 1. Manaus, 22 de junho de 1890. Há informação catalográfica de que seu último número (6º) saiu em 27 de julho do mesmo ano, sendo depois substituído pelo *O Imparcial*. (FREIRE, 1990: 189 e 213).

*O Restaurador* põe em relevo a luta da classe caixeiral pelo fechamento do comércio aos domingos, luta essa que se estenderá por anos a fio. Argumenta que “o operário passa a semana de martelo em punho e no domingo esquiva-se às fadigas anteriores porque o dia em que Deus descansou é dele também, e o chefe da oficina não lhe ordena que trabalhe... Todas as classes tem o domingo para descanso, só a caixeiral faz exceção”.<sup>14</sup>

Tal como asseveramos acerca da imprensa das comunidades de imigrantes, essa imprensa de trabalhadores é também singular e marginal. Tem público próprio e um programa que não descuida da organização e mobilização dos trabalhadores ou de certas categorias em seu interior. As dificuldades enfrentadas e as distâncias a separá-los da grande imprensa burguesa são também conscientes e frequentemente assinaladas: “Não podemos equiparar-nos aos ilustres publicistas da época, mas podemos modestissimamente pegar na pena, defender uma classe que vive acorrentada ao balcão como Promethéu no penhasco do Caucaso, e ludibriada como o *eterno viajar da eterna senda!*”.<sup>15</sup>

O vínculo d’*O Restaurador* com a comunidade portuguesa se insinua em suas páginas e, por isso, resulta natural a abertura de espaço para uma saudação à memória de Camillo Castelo Branco, eminente literato português cujo suicídio ocorrera poucos dias antes da saída do jornal; ou na despedida “*ao nosso particular amigo José Ferreira Pinto*”, desejando os editores que “*fagueiras brisas o conduzam aos pátrios lares*”.

Outra experiência editorial dos caixeiros amazonenses teve, todavia, maior sucesso e destaque. Trata-se da publicação do jornal *Tribuna do Caixeiro* que, se apresentando como “órgão de propaganda e defesa dos interesses da classe”, fez eco desses interesses por 58 números, publicados entre abril de 1908 e novembro de 1909. Falando em nome da Associação dos Empregados no Comércio, fundada em Manaus em 1907, o *Tribuna do Caixeiro*, se apresenta a partir do diálogo com a luta caixeiral maior que se desenvolve vigorosa no Brasil e na Europa. O jornal defende que os caixeiros amazonenses não se mostrem passivos, “*enquanto nossos irmãos, lá fora, travam rude peleja*”. Havia também uma diretriz a seguir: “doutinar, instruir, combater”.<sup>16</sup>

---

<sup>14</sup> *O Restaurador*, nº 1. Manaus, 22 de junho de 1890.

<sup>15</sup> *O Restaurador*, nº 1. Manaus, 22 de junho de 1890.

<sup>16</sup> *Tribuna do Caixeiro*, nº 1. Manaus, 21 de abril de 1908.

Pelas páginas do *Tribuna* foi igualmente possível perceber essa forte relação com a comunidade portuguesa e perceber como esta se estratificava em Manaus, espalhando-se majoritariamente do trabalho urbano ao pequeno comércio varejistas, com alguns poucos comerciantes de grosso calibre, exportadores e importadores. O jornal deu grande destaque às ações da *Luzitania Repatriadora*, criada em 1908, e cujo objetivo era “a repatriação dos portugueses doentes e falhos de recursos”, que começavam a aparecer em maior número na cidade. Por fim, destaca as ações beneficentes da colônia portuguesa, “de que todos nós reconhecemos o seu valor”.<sup>17</sup>

Parece natural também que, em função de suas experiências anteriores em Portugal, os portugueses imigrados para o Amazonas se agarrassem às profissões “marítimas” e portuárias na cidade, como estivadores e catraieiros, fazendo o trânsito de mercadorias do cais para os navios de grande calado fundeados no meio da baía do Rio Negro. Por tudo isso, quando lembramos a mensagem enviada por Tércio Miranda a seu irmão, é preciso deixar claro que ele não fala apenas com seu irmão português e com seus conterrâneos de além-mar, para quem a mensagem explicitamente se dirigia; mas falava também para os trabalhadores amazonenses e, sobretudo, falava para essa imensa massa de portugueses transmigrados e residentes em Manaus, a quem desejava igualmente influenciar.<sup>18</sup>

\*\*\*

É preciso ter cuidado para não restringir o diálogo e as trocas de experiências entre os trabalhadores, como partindo exclusivamente dos imigrantes estrangeiros em direção aos nacionais; ou ainda, internamente, partindo dos trabalhadores nacionais dos centros dinâmicos do país em direção aos trabalhadores da periferia. Como adiante se verá, foram constantes os exemplos dessas interações como via de mão dupla e de vetores multidirecionais a interligar os mundos do trabalho.

A própria presença de imigrantes nacionais no interior do universo do trabalho manauara na virada do século XIX para o XX não está devidamente iluminada. Nossas pesquisas tem permitido ver essas interações, informadas pelo forte processo imigratório que se estabeleceu com a expansão da economia de exportação da borracha. Não precisamos

---

<sup>17</sup> Idem.

<sup>18</sup> Os dados do *Anuário Estatístico do Brasil* demonstram essa importância. Assim, no quadriênio 1908-1912, chegaram ao Amazonas 9.000 portugueses, o que significava 46,3 % do total de estrangeiros ali desembarcados. (Apud SANTOS JÚNIOR, 2010: 79).

lembrar que ele é constituído de contínuas levas de trabalhadores nordestinos, em especial cearenses, rumando em direção aos seringais da Amazônia.<sup>19</sup>

Ocorre que boa parte desses imigrantes nordestinos se desiluiu com as condições de trabalho nos seringais e, dessa forma, oportunizavam o carácter sazonal da produção de borracha para fugir dos seringais e tentar a sorte nas cidades da região. Mais até que os portugueses, os nordestinos e, em especial, os cearenses, formaram um percentual elevado no cômputo dos trabalhadores urbanos manauaras, imprimindo nele suas marcas. Na estatística realizada por Hermenegildo de Campos em 1907, metade dos 50.000 brasileiros que, em associação com outros 10.000 estrangeiros, conformam a população de Manaus, é constituída por imigrantes vindos de outros estados, particularmente do nordeste do país. Esse dado parece se espelhar também no mundo do trabalho, se levarmos em consideração os dados oriundos da já citada Lista de Associados da *Sociedade União Operária Amazonense* (S.U.O.A.), conforme se pode ver na Tabela 3.

TABELA 3  
Estados de Procedência dos Associados Brasileiros da S.U.O.A. (1926)

<b>Naturalidade</b>	<b>#</b>	<b>Naturalidade</b>	<b>#</b>
Amazonas	362	Bahia	13
Ceará	116	Sergipe	12
Pará	95	Acre	12
Paraíba	66	Alagoas	11
Maranhão	66	Rio de Janeiro	5
Rio Grande do Norte	50	Minas Gerais	2
Pernambuco	38	Rio Grande do Sul	2
Piauí	15	Espírito Santo	1
<b>TOTAL</b>			<b>866</b>

Fonte: Livro de Registros da Associação União Operária Amazonense. Acervo CEMEJ.

A imprensa do período e, em especial a imprensa operária, também se ocuparam do trabalhador nordestino, apresentado visões muitas vezes contraditórias. De um lado, como humilde e iludido pela aventura da exploração da borracha, vítimas anônimas da riqueza e opulência dos seringalistas e proprietários de casas aviadoras, quase todas de capital estrangeiro e de outro lado, descritos com as marcas avassaladoras do preconceito.

<sup>19</sup> Essa verdadeira “transumância amazônica”, como a nominou Celso Furtado, mobilizou aproximadamente 500 mil nordestinos entre as duas décadas finais do século XIX e as duas primeiras do XX, conforme cálculos do próprio autor. (FURTADO, 2005, p. 135-141).

Analisando as representações do trabalho e do trabalhador produzidas e difundidas pela *Revista da Associação Comercial do Amazonas*, entre os anos de 1909 e 1919, Alexandre Nogueira Avelino destacou como esse periódico, representante do segmento patronal via o trabalhador amazonense e em especial o nordestino. Para eles,

a certeza de que os trabalhadores não passavam de uma classe inferior, composta de homens rústicos e ignorantes, incapazes de expressar sentimentos sofisticados, [sendo portadores] de gostos duvidosos e principalmente incapazes de adequar às inovações tecnológicas e as normas de comportamento socialmente impostas como necessárias à inserção de Manaus no mundo modernista e capitalizado do século XX, suscitou no patronato a necessidade de importar trabalhadores que melhor respondessem aos seus anseios de melhoramento da base produtiva e da “raça” do homem Amazônico. (AVELINO, 2008, p. 81).

Tal como os portugueses, os cearenses também fundaram sua imprensa comunitária, com destaque para o jornal *A Pátria*, de 1898, cujo subtítulo era “órgão da colônia cearense”. Com o tempo, o jornal passou a usar também o dístico: “pelo Brasil eu morro, pelo Ceará eu mato!”. Ao contrario dos preconceitos vociferados por alguns órgãos da grande imprensa, nele a perspectiva é de exaltação da comunidade cearense, assumindo “a missão honrosa de congregar nossos conterrâneos, no Amazonas”.<sup>20</sup> Para os editores do *A Pátria* a singularidade nordestina é antes uma virtude, facilmente constatada:

Quem estuda atentamente o cearense em relação ao seu território, a sua educação, sua inteligência, sua coragem, vida aventurosa, tendências para as letras, meios de que se serve para impor-se onde quer que se ache, selvageria das suas paixões, actos de abnegação e grandeza d’alma, na realização de nobres cometimentos, inextinguível resignação ante os rigores de seu clima e estragos das secas, entranhado amor à terra do berço da qual jamais esquece, conclue que é ele uma excepção no paiz, isto é, que tem característicos diferentes, entre os demais filhos do norte e do sul.<sup>21</sup>

Como se vê, tanto a imprensa das comunidades, quanto a imprensa operária, reforçam não apenas os vínculos identitários, mas também a interação entre as experiências populares em contextos diferenciados, sendo bastante comum a referência a troca de correspondências e de exemplares entre os jornais do Amazonas e aqueles editados em outros estados e países. Assim, já em 1891, o *Gutenberg*, órgão dos gráficos amazonenses, anunciará ter recebido do Ceará o 1º número do *Cangussú*, apresentado como “órgão do povo” daquele estado. O jornal

<sup>20</sup> *A Pátria*, nº 3. Manaus, 4 out. 1898.

<sup>21</sup> *A Pátria*, nº 5. Manaus, 6 out. 1898.



amazonense fará ainda a cobertura da chegada em Manaus dos políticos desterrados para o Amazonas nos primórdios da República, enfatizando a presença, dentre eles, do ex-governador do Ceará, José Queiróz. Entre os outros desterrados estavam ainda alguns editores e redatores de jornais (*O Combate* e *A Cidade do Rio*) do Rio de Janeiro, cujo editor era ninguém menos que José do Patrocínio.

Não apenas os trabalhadores e as comunidades de imigrantes interagem, mas também os órgãos da imprensa. Assim, quando o jornal *A República*, de Fortaleza, noticiou, em 1892, a passagem do político amazonense Emílio Moreira por aquela cidade, exaltando suas qualidades, o jornal amazonense *O Operário* apressou-se em censurar-lhe, alegando que “a folha cearense ignora, com certeza, que o Sr. Emílio Moreira, não é amazonense, e sim baiano e que, aqui no Amazonas, só se tem distinguido pela falta de caráter político e pelo ódio que vota aos cearenses”<sup>22</sup>. Da mesma forma, em 1924, quando o jornal *A Lucta Social* reaparece após 10 anos de interrupção e sem a clara identificação ideológica com o anarquismo que até então o marcara, os leitores amazonenses são informados das experiências inovadoras do arcebispo de Fortaleza – “um arcebispo socialista e caridoso” – em apoio à classe operária.

Pensando numa via de mão dupla e em vetores multidirecionais a interligar os mundos do trabalho entre o Amazonas e o Ceará, um percurso inverso também pode ser constatado. *O Trabalhador Gráfico*, editado em Fortaleza em 1930 nos mostra a ação mobilizadora de alguns gráficos que começaram sua vida profissional e sua formação política na cidade de Manaus, deslocando-se posteriormente para Fortaleza, onde atuaram igualmente no processo formativo do proletariado cearense. Assim foi a trajetória de Antonio Ramos de Oliveira que, conhecido entre seus pares como “o velho” (nascera em 1879), atuou como gráfico dos principais jornais amazonenses (*Amazonas Commercial; A Federação; O Amazonas; Comércio do Amazonas e Jornal do Comércio*), chegando a dirigir “o primeiro movimento grevista pacífico dos gráficos em 1912” e, já no Ceará, empregou seu ofício em diversos órgãos da imprensa daquele estado, atuando também na mobilização política daqueles trabalhadores.<sup>23</sup>

<sup>22</sup> *O Operário*, nº 2. Manaus, 19 dez. 1892.

<sup>23</sup> *Trabalhador Gráfico*, nº 3. Fortaleza, 1º de maio de 1930. O jornal foi recentemente reeditado em fac símile em trabalho organizado por Adelaide Gonçalves e Alison Bruno (2002).

Inversamente, o movimento operário amazonense também viu surgir lideranças operárias oriundas do Ceará, com destaque para a figura de Emetério Cabrinha, que se notabilizou, ao longo das três primeiras décadas do século XX como o “orador das massas”, participando e apoiando diversas atividades operárias em Manaus e estruturando alguns de seus mais destacados jornais, como o *Vida Operária* e *O Extremo Norte*, ao longo dos anos 1920. Assim também ocorreu com Bento Aranha – intelectual paraense e filho do primeiro Presidente da Província do Amazonas – que, às voltas com o ideário socialista, viu-se em mais de uma ocasião expurgado de Belém, passando a trabalhar intensamente na Imprensa Amazonense, para onde havia se deslocado. De forma instigante, Bento Aranha chegou a publicar, na imprensa de Belém e de Manaus, artigos que buscavam comentar alguns princípios norteadores do pensamento de Karl Marx e do ideário socialista.

O que temos tentado enfatizar é que a história operária no Amazonas, assim como aquelas que se desenvolveram fora do eixo Rio de Janeiro /São Paulo, não pode ser pensada como uma espécie de versão reduzida em escala da história operária convencionalmente assumida como nacional. Assim, parecem-nos pertinente as observações de Mike Savage feitas para o contexto europeu:

Óbvio, o risco é esse tipo de linha de pesquisa acabar como a imagem espelhada da historiografia feita em nível nacional. Onde antes os estados nacionais podiam ser encarados como unidades espaciais, agora se trata das localidades. Porém, assim como os estados nacionais, cidades e vilas não são entes fechados em si mesmos, apartados do mundo exterior. Precisamos admitir a mobilidade e a fluidez espaciais. No lugar de inquirir quem é o mais importante, se é o local, se é o nacional, no caso de suas respectivas importâncias poderem ser pesadas e medidas, é melhor examinar não só as complexas interligações entre níveis espaciais distintos, mas também como mediadores espaciais - pessoas capazes de se moverem entre as escalas espaciais - podem vir a ter um papel-chave na geração de formas de mobilização política. (SAVAGE, 2004, p. 42).

Um últimos ponto de inflexão aqui explorado advém da maior atenção e diálogo aberta pela historiografia com a Imprensa, fonte e objeto dessas suas reflexões. Como é sabido, a lenta incorporação da imprensa ao repertório de fontes que permitem aos historiadores e cientistas sociais fazer emergir, ainda nos anos de 1930 e 1940, novas leituras de História Social e Cultural no Brasil, foram fundamentais para qualificá-la como rico manancial informativo – ou como se tem dito mais recentemente, verdadeiros “arquivos do cotidiano” (ALBERT e TERROU, 1990) – a disposição de estudiosos e pesquisadores da

realidade nacional e de seu legado histórico.<sup>24</sup>

Tal incorporação também gerou posturas críticas que se dirigiam ao entendimento da imprensa como mero instrumento dos segmentos dominantes, desconsiderando-a como campo de forças que, de múltiplas formas, tanto reproduzia quanto traduzia o universo social, igualmente prenhe de contradições. Localizada socialmente, a diversidade da imprensa expressa a própria heterogeneidade do contexto social que a produziu.

Se no âmbito dos estudos históricos a recuperação de uma imprensa afinada com os interesses e aspirações populares e da classe trabalhadora teve que aguardar um movimento mais incisivo de mudança no próprio comportamento dos historiadores, em especial quanto à adoção de posturas historiográficas mais afinadas com a historicidade de sujeitos e grupos sociais até então marginalizados e silenciados pela força de uma cultura historiográfica de matiz conservador e elitista, no caso amazonense esse diálogo é bem mais recente, datando de pouco mais de uma década.

Em muitos contextos onde as instituições arquivísticas se mostravam frágeis e a documentação dispersa, a ênfase na pluralidade do social se mostrou condicionada à necessidade de transpor os limites da documentação histórica tradicionalmente compulsada, tal o nível de comprometimento que se percebia entre ela e os segmentos dominantes a quem a História frequentemente visava iluminar<sup>25</sup>. Daí que para os historiadores afinados com as sensíveis mudanças ocorridas no seio de sua disciplina ao longo do século XX e, em especial para aqueles que se lançaram à construção de uma leitura da História preocupada com as “pessoas comuns do povo”, impunha-se a tarefa de diversificar de forma criativa a base de referências documentais, fazendo emergir registros mais próximos das vivências populares ou cujo olhar a elas se projetava.<sup>26</sup>

Na busca de novas fontes para os novos sujeitos dessa História renovada, a própria

<sup>24</sup> Registre-se o papel pioneiro de Gilberto Freyre, destacado tanto por Peter Burke (2005: 94), quanto por Asa Briggs em depoimento a Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke (2000: 73).

<sup>25</sup> George Rudé sustenta que, em geral, as fontes tradicionais, marcadas frequentemente por um caráter oficial, tendem “a apresentar a questão exclusivamente do ponto de vista do governo, oposição política oficial, da aristocracia ou da classe média mais próspera – em suma, do ângulo de grupos e classes superiores àqueles a que geralmente pertencem os participantes” populares dos levantes por ele estudados. (RUDÉ, 1991, p. 10).

<sup>26</sup> Eric Hobsbawm foi cristalino ao exemplificar essa relação entre a documentação e o “olhar” do historiador, quando sustenta que, “em muitos casos, o historiador... descobre apenas o que está procurando, não o que já está esperando por ele. Muitas fontes para a história dos movimentos populares apenas foram reconhecidas como tais porque alguém fez uma pergunta e depois sondou desesperadamente em busca de alguma maneira – qualquer maneira – de respondê-la”. (HOBSBAWM, 1998, p. 220).

imprensa passou a ser problematizada como campo de tensão, e iniciativas alternativas e divergentes em seu interior passaram a ser igualmente percebidas, recuperadas e valorizadas. Assim, ao lado da tradicional imprensa diária de cunho mais empresarial e de maior sofisticação técnica – embora também mais visivelmente perpassada por interesses dominantes –, emergiu toda uma gama significativa de jornais mais articulados ao universo popular que pretendiam expressar e representar e, em boa medida, foi para eles que os historiadores sociais desde os anos 1950 e 1960 se voltaram com maior ênfase.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ALBERT, Philip e TERROU, F. *História da Imprensa*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas: Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Cia das Letras, 2008.
- BRAGA, Genesino. *Chão e Graça de Manaus*. Manaus: Edições Fundação Cultural do Amazonas, 1975.
- AVELINO, Alexandre Nogueira. *O Patronato Amazonense e o Mundo do Trabalho: A Revista da Associação Comercial e as Representações Acerca do Trabalho no Amazonas (1908-1919)*. Dissertação de Mestrado em História. Manaus: UFAM, 2008.
- BATALHA, Cláudio. A Historiografia da Classe Operária no Brasil: Trajetórias e tendências. In: FREITAS, Marcos Cezar de (Org.). *Historiografia Brasileira em Perspectiva*. São Paulo: Contexto, 1998, p. 145-158.
- BURKE, Peter. *O Que é História Cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- BURNS, E. Bradford. *Manaus, 1910: Retrato de uma cidade em expansão*. Manaus: Governo do Estado do Amazonas, 1966.
- CAMPOS, Hermenegildo Lopes de. *Climatologia Médica do Estado do Amazonas*. 2ª ed. Manaus: Associação Comercial do Amazonas, 1988.
- CAPELLI, Vittorio e HECKER, Alexandre. *Italiani in Brasile: Rotte migratoire e percorsi culturali*. Soveria Manelli: Rubbettino, 2010.
- CUNHA, Euclídes da. *Um Paraíso Perdido: Ensaio, estudos e pronunciamentos sobre a Amazônia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.
- FREIRE, José Ribamar Bessa (Coord.). *Cem Anos de Imprensa no Amazonas: Catálogo de Jornais*. Manaus: Editora Calderaro, 1990.
- FURTADO, Celso. *Formação Econômica do Brasil*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 2005.
- GONÇALVES, Adelaide e BRUNO, Allyson (Orgs). *O Trabalhador Gráfico: edição fac-similar*. Fortaleza: Edições UFC, 2002.
- HOBBSAWM, Eric. *Sobre História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- MARAM, Sheldon. *Anarquistas, imigrantes e movimento operário brasileiro (1890-1920)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

- PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. *As Muitas faces da História: nove entrevistas*. São Paulo: Editora da UNESP, 2000.
- PENNINGTON, David. *Manaus e Liverpool: Uma ponte marítima centenária*. Manaus: EDUA/UNINORTE, 2009.
- PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz. *Antologia do Movimento Operário Gaúcho (1870-1930)*. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1992.
- PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz. Cruzando Fronteiras: As pesquisas regionais e a história operária brasileira. *Anos 90*, Porto Alegre, nº 3, p. 129-153, junho de 1995.
- PINHEIRO, Geraldo Sá Peixoto. *Imprensa, Política e Etnicidade: Portugueses letrados na Amazônia (1885-1937)*. Tese de Doutorado em História. Porto: Universidade do Porto, 2011.
- PINHEIRO, Luís Balkar Sá Peixoto e PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte (Orgs). *Imprensa Operária no Amazonas*. Vol. 1. Manaus: EDUA, 2004.
- PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. *A Cidade Sobre os Ombros*. 2ª ed. Manaus: EDUA, 2003.
- POPINIGIS, Fabiane. *Proletários de Casaca: Trabalhadores do comércio carioca (1850-1911)*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.
- RUDÉ, George. *A Multidão na História*. Rio de Janeiro: Campus, 1991.
- SALES, Vicente. *Marxismo, Socialismo e os Militantes Excluídos*. Belém: Paka-Tatu, 2001.
- SANTOS JÚNIOR, Paulo Marreiro dos. Criminalidade e Etnicidade na Manaus da *Belle Époque*. In: SARGES, Maria de Nazaré et al. *Entre Mares: O Brasil dos Portugueses*. Belém: Paka-Tatu, 2010, p. 75-84.
- SARGES, Maria de Nazaré et al. *Entre Mares: O Brasil dos Portugueses*. Belém: Paka-Tatu, 2010.
- SAVAGE, Mike. Classe e História do Trabalho. In: BATALHA, Cláudio; SILVA, Fernando Teixeira; FORTES, Alexandre (Orgs). *Culturas de Classe: Identidade e Diversidade na Formação do Operariado*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2004, p. 25-48.
- THOMPSON, Edward Palmer. *As Peculiaridades dos Ingleses e Outros Artigos*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2001.